

Uma mulher vestida de cinema ou isso presta pra moça ver?*

José Almino

Eu conheci Nazarena em Exu, quando vim estudar. Ela muito simpática, eu me apaixonei. Nunca tinha visto uma moça vestida de colégio!

(Depoimento de Luiz Gonzaga).¹

NÃO HÁ COMO NÃO SE SENTIR A FORÇA DO DEPOIMENTO. Mais do que um símbolo de modernidade, de prosperidade relativa ou mesmo de juventude, a farda colegial expressa, nesta frase, a surpresa diante do milagre de uma aparição, da boniteza de uma imagem que casam tão bem com o alumbramento face à primeira namorada. Momentos como esses são únicos... o Zepelim visto por Leléu... um beijo em Ava Gardner.... um beijo como o de Ava Gardner... o Cometa Harley. Ou seja, a intromissão nas nossas vidas de uma imagem reveladora de algo que pressentíamos conhecer e esperávamos.

Todo mundo no mundo adorou Buena Vista Social Clube. Alguém observou que esse grupo de velhos artistas, executando velhas músicas cubanas, seria uma demonstração de que parte do destino de Cuba é de existir na imaginação do mundo; de ser, sempre, um sonho

* Texto do programa da peça Lisbela e o prisioneiro, editado como encarte de cd promocional.

¹ Dominique Dreyfus, Vida do Viajante: A saga de Luiz Gonzaga, São Paulo: Editora 34, 1996, p. 53.

e um desejo. E o mesmo autor acrescenta: Sentimos uma nostalgia profunda por algo que nós mesmos não concebíamos ter perdido.² E isso, independentemente de ser cubano, de haver estado em Cuba ou de ter mais de cinquenta anos.

Assim, Lisbela vê o cinema e assim, nós assistimos Lisbela. Quando Leléu e Citonho discutem sobre o curió, um bicho de valia, que repete pra mais de quinze vezes vóvó-viviú, essa reprodução pitoresca de um diálogo entre dois nordestinos loucos por passarinho, nos traz a sensação absoluta de que essa é a maneira exata, deleitável e elegante de tratar do assunto; mesmo para os que mal distinguem um curió de um galo de campina Além de dar uma vontade danada de ficar de cócoras, jogando troça e conversando besteira.

A imagem de carioquismo que Douglas procura transmitir é inverossímil e mesmo ridícula. Um lugar concreto, como o Rio de Janeiro e um personagem tão prosaicamente real como Douglas nunca poderiam substituir o que é maravilhoso, grande e belo. Leléu tem a graça imperfeita do artista nacional, na sua precariedade de meios, recorrendo freqüentemente ao embuste e à farsa. Só o seriado, sempre continuando, sempre por acabar, tem o gosto forte e puro do desejo, desse ruinzinho que é o bom do negócio. Grande e inacessível (Eu não sou nem americana para ser artista) mas tinoso, instigante e (quem sabe?) subversivo.

Sobre o Cinema, Ascenso Ferreira escreveu:

- Mas D. Nina,

aquilo é o tal de cinema?

O homem saiu atrás da moça,

pega aqui, pega acolá,

pega aqui, pega acolá,

até que pegou-la.

² Alma Guilhermoprieto citada por Gilberto Perez: *The Trouble with Being Cuban*. *London Review of Books*, vol. 22, n. 12, 22 de junho de 2000, p. 13.

Pegou-la e sustentou-la!
Danou-lhe beijo,
danou-lhe beijo,
danou-lhe beijo!...
Depois entraram pra dentro de um quarto!
Fez-se aquela escuridão
e só se via o lençol bulindo...

.....

- Me diga uma coisa, D. Nina:
isso presta pra Moça Ver?!...

Será que presta?